



## **SOBRE AS CRIANÇAS ESTRANGEIRAS: OS NOVOS QUE AQUI CHEGAM<sup>1</sup>**

Joaquim Rauber <sup>2</sup>  
Ivaine Maria Tonini <sup>3</sup>  
Jader Janer Moreira Lopes <sup>4</sup>

### **RESUMO**

A pesquisa tem como objetivo compreender como as crianças migrantes estrangeiras vivenciam os espaços e constituem suas autorias no mundo. Interroga-se: Como as crianças, produtoras de cultura, cotejam novas compreensões de infância e de espaço para os que aqui estão? A proposta é estabelecer aproximações com o campo da Geografia da Infância, a partir dos movimentos migratórios nos últimos anos no Rio Grande do Sul, especialmente na região da Serra Gaúcha. Assim, é preciso acercar-se das histórias e geografias que constituem as ideias de criança, infância e espaço, especialmente no campo pedagógico. De caráter qualitativo, é uma pesquisa com crianças. Propõe um levantamento do perfil das crianças estudantes de outras nacionalidades a partir da sistematização de dados extraídos do Censo Escolar. No referencial teórico Vigotski, Deleuze e Spinoza subsidiam compreensões do desenvolvimento humano. Kohan, Ariès, Kant as discussões sobre crianças, infâncias e geografias. Massey, Lopes e Vasconcellos na dimensão espacial do desenvolvimento humano e nas discussões sobre o espaço e a Geografia da Infância. Espera-se que a Geografia possa ser pensada para além das representações e dos esquemas dados por uma concepção onde o sujeito é levado a formar bases para uma Geografia que está por vir. Busca a compreensão do espaço como coetâneo, heterogêneo e múltiplo. As crianças estrangeiras que vieram - e continuam a vir - para o Brasil produzem cultura a partir do plano social: mudam, alteram, influenciam a partir de suas vivências e espacializam suas autorias no mundo.

**Palavras-chave:** Criança-migrante-estrangeira, Geografia, Vivências, Espaço, Desenvolvimento Humano.

### **RESUMEN**

La investigación tiene como objetivo comprender cómo los niños migrantes extranjeros experimentan los espacios y constituyen su autoría en el mundo. Se pregunta: ¿Cómo comparan los niños, productores de cultura, las nuevas comprensiones de la infancia y el espacio para los que están aquí? La propuesta es establecer acercamientos con el campo de la Geografía de la Infancia, basados en los movimientos migratorios de los últimos años en Rio Grande do Sul, especialmente en la región de Serra Gaúcha. Así, es necesario acercarnos a las historias y geografías que constituyen las ideas de los niños, la infancia y el espacio, especialmente en el campo pedagógico. De naturaleza cualitativa, es una investigación con niños. Propone una encuesta del perfil de los alumnos hijos de otras nacionalidades a partir de la sistematización de

<sup>1</sup> O trabalho se origina de um recorte da pesquisa de doutorado em andamento pelo POSGEA/UFRGS, contando com o fomento do IFRS.

<sup>2</sup> Doutorando do Programa de Pós-graduação em Geografia - UFRGS. Professor do IFRS Campus Bento Gonçalves. Em afastamento para qualificação com fomento do IFRS, [joaquim.rauber@bento.ifrs.edu.br](mailto:joaquim.rauber@bento.ifrs.edu.br);

<sup>3</sup> Professora do Programa de Pós-graduação em Geografia - UFRGS, [ivaine@terra.com.br](mailto:ivaine@terra.com.br);

<sup>4</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação UFJF/UFF, [jjanergeo@gmail.com](mailto:jjanergeo@gmail.com);



datos extraídos del Censo Escolar. En el marco teórico, Vigotski, Deleuze y Spinoza apoyan la comprensión del desarrollo humano. Kohan, Ariès, Kant las discusiones sobre niños, infancia y geografías. Massey, Lopes y Vasconcellos en la dimensión espacial del desarrollo humano y en discusiones sobre el espacio y la geografía de la infancia. Se espera que la Geografía pueda ser pensada más allá de las representaciones y esquemas que da una concepción donde el sujeto es llevado a formar bases para una Geografía verdadera. Busca entender el espacio como contemporáneo, heterogéneo y múltiple. Los niños extranjeros que llegaron -y siguen viniendo- a Brasil producen cultura desde el plano social: cambian, alteran, influyen desde sus vivencias y espacializan su autoría en el mundo.

**Palabras clave:** Niño-migrante-extranjero, Geografía, Experiencias, Espacio, Desarrollo Humano

## INTRODUÇÃO

Nos últimos anos tem se tornado frequente as discussões acerca dos movimentos de migração. Apresentam para seus contextos e realidades, como no estado do Rio Grande do Sul, implicações políticas, econômicas, sociais, culturais e educacionais. Pouco se têm focado na abordagem da questão pelo ponto de vista educacional, especialmente pelas crianças estrangeiras e com elas.

A preocupação legal com a criança estrangeira surge a partir de uma série de tratados e legislações: A Declaração Universal de Direitos Humanos (DUDH) de 1948 apresenta em seu artigo 15, que todo indivíduo tem direito a ter uma nacionalidade; A Declaração dos Direitos da Criança de 1959, afirma que desde o nascimento, toda criança terá direito a um nome e a uma nacionalidade; a Convenção sobre os Direitos da Criança (CDC) de 1989, ratificada por 196 países, tornou-se o tratado mais ratificado da história. A partir de 1990 a presente convenção norteia diversas leis na América Latina. No Brasil, as legislações vêm para garantir que as crianças estrangeiras possuem os mesmos direitos da criança brasileira, com respeito máximo à sua nacionalidade.

Pensar as crianças traz uma enorme responsabilidade. Busca-se neste trabalho entender as crianças para muito além de uma visão simplificada, vazia e fragilizada. Por isso, é preciso refletir sobre as crianças e as infâncias, muitas vezes encaradas como sinônimos. Não são possíveis de serem sobrepostas como etapas ou fases da cronologia do ser humano.

O percurso histórico da ideia de criança nos mostra que há uma construção que desvaloriza, tratando-as como seres incompletos. Pedagogicamente essas concepções reforçaram-se de teorias e tendências pedagógicas, nas quais as crianças são como



folhas em branco que estão para serem preenchidas e treinadas pelos adultos. Cabe dizer que esse acabamento e esvaziamento das concepções de criança, como herança, recaem sobre todas as crianças inclusive às estrangeiras.

Esse silenciamento se estende para além do campo pedagógico. Em uma consulta a um dos levantamentos mais recente da ACNUR de 2019, por exemplo, que traça o “*Perfil socioeconômico dos refugiados no Brasil. Subsídios para elaboração de políticas*”, as crianças foram desconsideradas. A ausência total desse público não se justifica pela falta dele, pois observa-se o aumento vertiginoso de matrículas de crianças estrangeiras nas escolas do Rio Grande do Sul, por exemplo, especialmente na região da Serra Gaúcha a qual se concentra a pesquisa (levantamento realizado a partir do Censo Escolar elaborado pelo INEP). A partir da análise destes dados escolares, de idade, gênero, raça, nacionalidade, país de origem é possível aproximar-se do perfil dessas crianças e confirmar a existência delas nesse contexto.

Avançamos para a discussão teórica seguindo por autores como Vigotski (1996, 2004, 2018) Deleuze (2003) na compreensão do desenvolvimento humano, relacionando o aprender como gerador do novo, portanto, do desenvolvimento. Massey (2004, 2008) e Lopes e Vasconcellos (2005) e Lopes na compreensão das espacialidades e do campo da Geografia da Infância.

Propomos que as crianças que vieram para o Brasil produzem uma cultura a partir do plano social. De modo que mudam, alteram, influenciam a partir de suas vivências e espacialidades suas autorias no mundo.

Para mover-se pela problemática, algumas interrogações são importantes e norteiam a pesquisa de doutorado em andamento: Qual o perfil da criança estrangeira no Brasil? Como as instituições recebem/acolhem essas crianças estrangeiras? Como as espacialidades e como as territorialidades se constituem e são vivenciadas no espaço da criança estrangeira? Como as crianças, produtoras de cultura, cotejam novas compreensões de infância para os que aqui estão? Que relações se estabelecem no desenvolvimento ao encontrar outra referência linguística que não a sua?

Entre outros, um dos objetivos principais desse trabalho é entender como as crianças migrantes estrangeiras vivenciam os espaços e constituem suas autorias no mundo. Dado o recorte do tema estudado, neste trabalho, nosso objetivo é iniciar a discussão teórica entrelaçada aos dados estaduais (RS), regionais e locais que nos permitem conhecer o contexto e visibilizar esse público.



## METODOLOGIA

A pesquisa em curso está pensando como percurso: fazer o processo. Neste caso, entendemos que a metodologia não está fora do método. “metodologia de pesquisa é sempre pedagógica (...) porque se trata de uma condução: como conduzo ou conduzimos nossa pesquisa.” (MEYER; PARAÍSO, 2012, p. 15). E deve ser construída no processo de investigação e de acordo com as necessidades colocadas pelo objeto de pesquisa e pelas perguntas formuladas. É uma proposta de abordagem predominantemente qualitativa e com algum grau de combate a algumas opressões e pretensas verdades normativas. Neste sentido, o entendimento de pesquisa **como** qualitativa supera as visões clássicas de bases positivistas. Buscamos entender o ser humano como um ser de linguagem. É a virada para a pesquisa **com** o outro, um ser que se anuncia no mundo.

A pesquisa pressupõe o levantamento de dados como estratégia que permite traçar o perfil da população de crianças estrangeiras no Brasil, em especial no Rio Grande do Sul, a partir dos dados do Censo Escolar/INEP. Esta busca denominamos de *visibilidade*, pois nos convoca o olhar reflexivo e aproximação com os contextos.

O segundo momento optamos em demonimar *intensidade*. Intensifica os estudos, a partir da fundamentação teórica cujo autores foram sinalizados. Outros tantos irão compor a pesquisa no processo. Seguir pelos e com os referências teóricos permite organizar o pensamento e a própria reflexão e discussão que a pesquisa se propõe.

O terceiro momento da pesquisa, denominamos de *possibilidade*. Pois, é o momento em que o entendimento por desenvolvimento humano, educação, geografia, criança, infância e os dados aliados a construção teórica passam a se entrelaçar e compor a possibilidade do novo.

A possibilidade do novo como processo não é isolado e apostamos se dá a partir do encontro com o outro, na docência e/ou na pesquisa. Por isso, a prerrogativa de que a legislação “garante” o direito às crianças migrantes (refugiadas) e, assim, o acesso à escola nos interessa. Especialmente, como essas crianças agem/ressignificam suas espacialidades na escola – enquanto espaço garantido. E, nesse sentido, a própria distância entre a garantia estabelecida pela lei e pelo que efetivamente se consolida e materializa na prática cotidiana.



Portanto, é investigar a vida na vida, que emerge com a possibilidade de estar com as crianças na escola. E nesse sentido, coaprendemos que não só transformamos como somos transformados ao longo do estudo.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Quando pensamos em educação, em especial com as crianças, é importante posicionarmos nosso entendimento sobre o que entendemos por desenvolvimento humano. Partimos do entendimento que temos consciência de que somos afetados pelas vivências no mundo e essas nos fazem ser diferentes. O desafio está na busca na gênese, pensando a partir do método Genético de Vigotski. O método está pensado junto a Teoria Histórico-Cultural, não havendo separação. A gênese, neste caso, busca entender como surge a linguagem no ser humano, a busca do novo e assim o que torna o humano singular. Está no reconhecimento daquilo que marca a condição humana na possibilidade de criar o novo.

Toda interferência já é algo novo, pois num espaço-tempo também retorna e modifica-nos. Vigotski (2004) desenvolve esse conceito denominando “reelaboração criadora”. Ao nascermos em um plano social, a partir da vida busca-se elementos desse plano para reelaborar e criar esse novo: “a criação é condição necessária da existência, e tudo que ultrapassa os limites da rotina, mesmo que contenha um iota do novo, deve sua origem ao processo de criação do homem.” (VIGOTSKI, 2004, p.16) E para os novos que aqui chegam? Como se dá essa ruptura com o plano social das suas paisagens de origem?

A situação torna-se mais desafiadora, pois entendemos a partir de Vigotski (obras diversas), que a criança não nasce em um espaço somente físico. Mas, em territórios disputados, uns que já estão dados, outros proibidos. O espaço está composto por elementos da paisagem e desse modo, se entendemos a paisagem criada historicamente ela também desenvolve particularidades nas pessoas. Mas por si só, ela não é determinante, já que tem uma dimensão importante que é a autoria no mundo, fazendo com que as vivências sejam diferenciadas entre as pessoas.

Por isso, torna-se chave neste estudo o conceito de vivência, a partir de Vigotski: “os momentos essenciais para definição da influência do meio no desenvolvimento



psicológico, no desenvolvimento da personalidade consciente, são a **vivência**". (VIGOTSKI, 2018, p.75, grifo nosso).

E, isso é importante para elucidar um outro princípio do desenvolvimento humano em Vigotski: da não linearidade no desenvolvimento e na vida. E isso permite-nos um rompimento com os discursos com relação ao desenvolvimento das crianças que parte: do fácil para o difícil, do concreto para o abstrato. Se pensássemos assim, crianças migrantes, vindas de um outro país, possuindo outra língua, outras paisagens, precisariam construir apenas novas aprendizagens - como se fosse do zero - seja na linguagem, seja na dimensão do espaço.

Questões que abrem a reflexão sobre as crianças estrangeiras no que se refere a nova língua, hegemônica (para os autores língua maior), a que são submetidos quando chegam ao Brasil. Língua, que está para todos como um grande, se não o principal, desafio inicial do migrante: a necessidade de operar em uma nova língua. Podemos estabelecer aqui a relação a partir de linhas de fuga, que para Deleuze e Guattari é uma desterritorialização. A partir dessa perspectiva: "Quanto é que vivem hoje numa língua que não é sua? Ou então nem sequer a sua conhecem, ou ainda não a conhecem, e conhecem mal a língua maior que são obrigados a utilizar? Problema dos imigrantes e, sobretudo, dos filhos deles. Problema das minorias" (DELEUZE E GUATTARI, 2003, p.43).

As vivências com crianças estrangeiras e as relações com a língua avança no espaço da escola, por exemplo, na docência, nas interações com os colegas e pais. Recebem um universo social na escola e produzem cultura. É um processo de troca, porque, quando esses percursos de acolhida se estabelecem exigem um repensar da própria escola enquanto espaço. O migrante, o refugiado, carrega consigo memórias que a partir de novas relações se transformam. Ao mesmo tempo, os que aqui estão podem, pelas narrativas e pelas imagens, produzir o novo a partir de duas dimensões importantes no ser humano que são: imaginação e criação.

Autor comum entre os estudos de Vigotski e Deleuze é Espinosa. Pensar a vida na vida, a partir de Espinosa, tem um sentido muito significativo na construção de Vigotski. Tem relação à questão da teoria das afecções de Espinoza: "um indivíduo é antes de mais nada uma essência singular, isto é, um grau de potência. A essa essência corresponde uma relação característica; a esse grau de potência corresponde certo poder de ser afetado." (DELEUZE, 2002, p. 33). Espinosa é crítico às ideias de Descartes que



faz a separação entre sujeito e objeto do conhecimento. A influência espinosana marca e fundamenta as concepções e produções de Vigotski. Deleuze (2002) em *Espinoza: filosofia prática*, aborda uma das principais contribuições do filósofo para o Método Instrumental em Psicologia. “Há, efetivamente, em Espinoza, uma filosofia da “vida”: ela consiste precisamente em denunciar tudo o que nos separa da vida” (DELEUZE, 2002, p. 32). Outro aspecto é a teoria das afecções: “um indivíduo é antes de mais nada uma essência singular, isto é, um grau de potência. A essa essência corresponde uma relação característica; a esse grau de potência corresponde certo poder de ser afetado.” (DELEUZE, 2002, p. 33). Ser afetado é algo muito interessante se pensarmos que para Vigotski estamos neste entrelugar, onde afetamos e também somos afetados, “preenchido por afecções”.

As afecções estão relacionadas ao conceito de *Conatus* de Espinoza, onde o homem pode potencializar os outros. Para isso, você precisa estar disponível para os afetos, por exemplo, aos afetos que nos levam a alegria. Em que espaços eles acontecem?

Essas discussões remetem a concepção e construção que temos do espaço. Ao concebermos um espaço como algo construído, dado e, ainda a ser explorado na lógica do consumo, se deixa de lado e se esquece que “o espaço também contém, sempre, um grau de inesperado, de imprevisível” (MASSEY; 2004, p 17). Tal entendimento, de que o espaço está também sempre em construção, é uma perspectiva de Massey. Segundo a autora (2004, p. 19): “a questão aqui não é a ênfase somente na produção do espaço, mas o próprio espaço como integrante na produção da sociedade”.

A importância da dimensão espacial no desenvolvimento humano podem ser compreendidas através da Geografia. No Brasil, esta preocupação é um movimento do campo chamado de *Geografia da Infância*<sup>5</sup>, que teve início a partir dos autores Jader Janer Moreira Lopes e Tânia de Vasconcellos. Considerados precursores no ano de 2005 com o lançamento do livro *Geografia da Infância: reflexões sobre uma área de pesquisas e estudos*. Os autores trazem que “toda criança nasce num certo momento

---



histórico, num certo grupo cultural, num certo espaço, onde estabelece suas interações sociais e constrói sua identidade” (LOPES; VASCONCELOS, 2005, p. 39).

Dessa forma, o alargamento dessas concepções, considera que somos seres sociais que nascem em um mundo de linguagens<sup>6</sup>. Não se pretende desconsiderar as mudanças e disposições biológicas que são/fazem parte do ser humano, mas em não considerar estes como fonte única de reflexão. Com o nascimento no mundo social como apresenta Vigotski (1996), o mundo que já existe e, portanto, é anterior, não passa do biológico para o social. Nesse sentido, o ser humano se constitui pela dimensão social considerando e passando por quatro planos genéticos: “a filogênese (a história de uma espécie animal ao longo da história geológica do planeta), a ontogênese (desenvolvimento do indivíduo dentro da espécie), a sociogênese (o social, o cultural de um grupo) e a microgênese (emergência singular nos sujeitos dos fenômenos” (LOPES, 2019, p. 125).

Lopes (2013) questiona a importância de refletirmos a natureza geográfica do pensamento humano, trazendo uma contribuição para o campo da perspectiva histórico-cultural com o conceito de topogênese.

Interrogo-me se cada um de nós, em nosso desenvolvimento compartilhado com outros humanos, nesse momento histórico, construtos da história humana na própria história geológica da Terra, partilhando nossas culturas, não somos atravessados pelas condições geográficas de nossas paisagens, de nossos territórios e lugares? Não haveria em nós reminiscências dos locais que ocupamos? E que nos ocupam? Das paisagens em que transitamos? E que em nós transitam? Eis minha questão: uma topogênese seria possível? (LOPES, 2013, p. 127).

Com este apontamento, a geografia carrega uma pertinente contribuição para estudos das infâncias e das crianças, onde principalmente a dimensão geográfica do ser humano a partir dos principais conceitos como espaços, lugares, territórios e vivências coexistem e constituem-se possibilidades para a topogênese se constituir.

---

<sup>6</sup>Esse entendimento relaciona-se aos autores do chamado Círculo de Bakhtin, explorado no livro *Marxismo e filosofia da linguagem* (2018) de Volóchinov, obra por muitas vezes atribuída ao próprio Bakhtin.

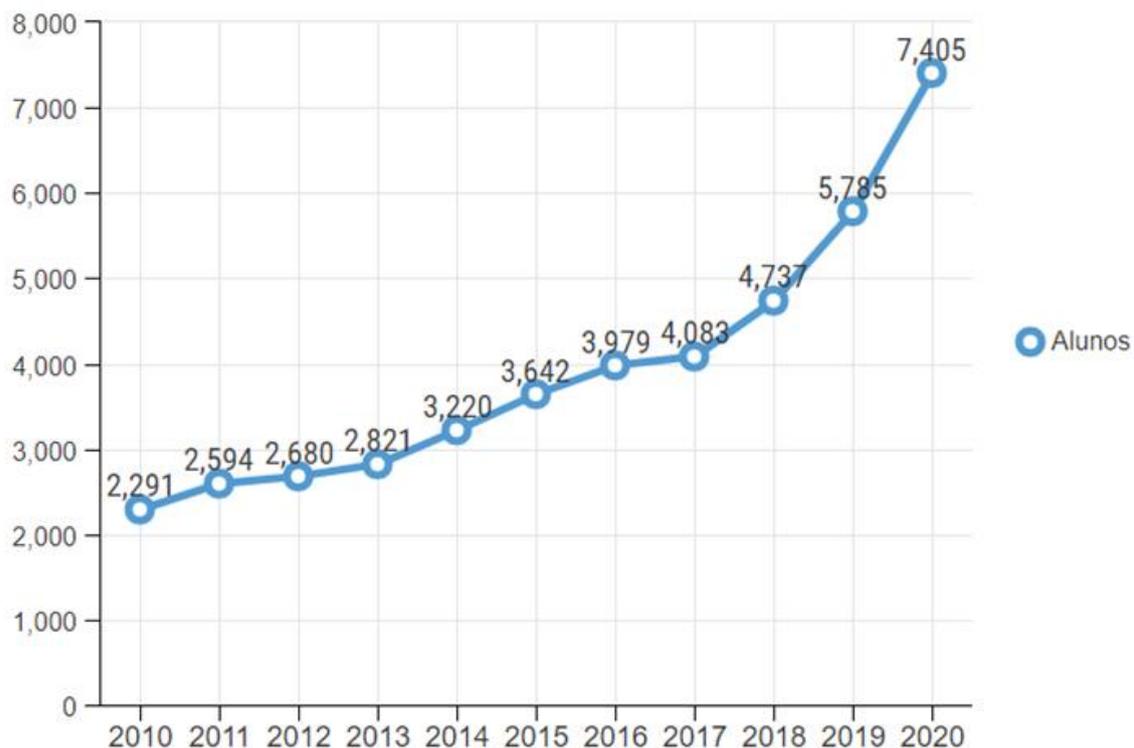


## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Algumas pistas, ainda que iniciais, parecem-nos importantes para retomar e seguir a discussão apresentada até aqui, ressaltando ser uma pesquisa em andamento.

Os resultados dos dados analisados mostram que o aumento dos anos 2010 para 2020 foi de mais de 300% no número de alunos estrangeiros nas escolas do Estado do Rio Grande do Sul. (Figura 1) No caso do município de Bento Gonçalves/RS, esse aumento se torna ainda mais significativo, chegando a 859%, passando de 25 (2010) para 272 (2020) em números absolutos. Olhar para esse contexto, e suas especificidades, é bastante convidativo já que os dados mostram a mudança e confirmam a necessidade de seguir com o propósito da investigação.

Figura 1: Alunos de nacionalidade estrangeira – Rio Grande do Sul 2010/2020.

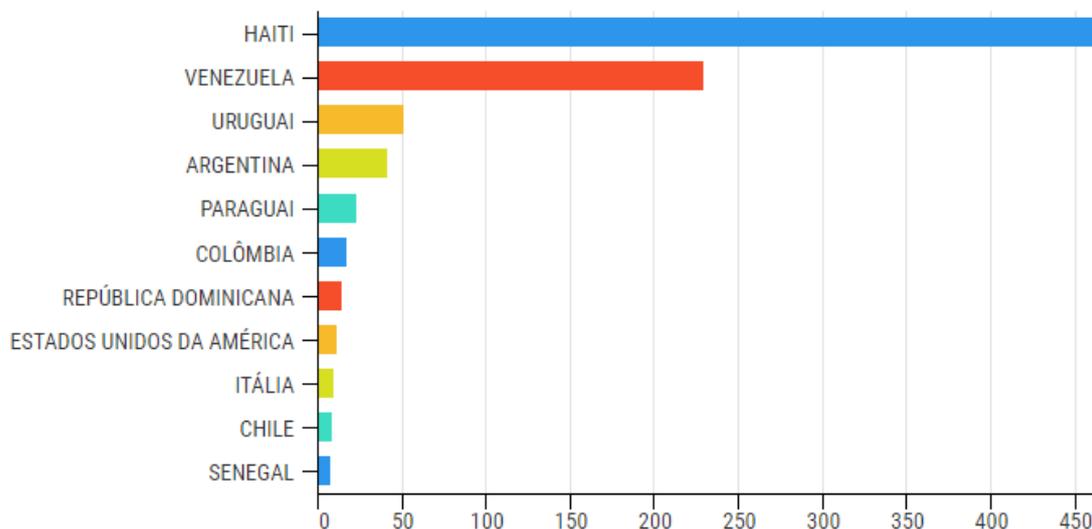


Fonte: produzido pelos autores com dados do Censo Escolar (INEP), 2010-2020.

A sistematização de dados permite aproximação com o perfil de matrículas estrangeiras, observado no gráfico abaixo, por país de origem na Microrregião de Caxias do Sul/RS. Em destaque a presença de haitianos e venezuelanos que não faziam parte do universo de crianças estrangeiras na região em 2010.



Figura 2: Matrículas estrangeiras por país de origem – Microrregião de Caxias do Sul - 2020



Fonte: produzido pelos autores com dados do Censo Escolar (INEP), 2020.

A presença de crianças migrantes estrangeiras na escola impulsiona a seguirmos avançando na busca de uma discussão teórica a partir da compreensão do desenvolvimento humano, relacionando suas espacialidades e vivências como gerador do novo, portanto do desenvolvimento. Pistas essas, que permitirão tecer rompimentos com as teorias clássicas do desenvolvimento.

A continuidade da pesquisa se dá pelas questões que se colocam: Como são pensadas as crianças migrantes e seus desenvolvimentos nesses contextos escolares? Qual a preparação social que fizemos para receber essas crianças? Recepção que não é simplesmente dada, ela é também atravessada por questões como o preconceito, questões raciais, de gênero e do imaginário social. Portanto, o estudo perpassa uma questão também política. E assim sendo, não está somente no sentido de protetivo ou legislativo, mas sobretudo na concepção de desenvolvimento, na produção do novo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresenta um fragmento da pesquisa em andamento de doutorado que inicialmente marca e demonstra a importância e emergência da temática da criança migrante. Fenômeno geográfico recente, que traz mudanças nos cenários escolares,



políticos, sociais e provocam/convidam a novos olhares. Priorizamos as crianças e infâncias migrantes, acreditando que essa visibilidade possibilite novas percepções para nós adultos em um movimento *com* as crianças. Para isso, é necessário estar disponível para os afetos. É contagiar-se pela disposição do outro. É potencializar o outro. Potencializar-se a partir da relação social.

Por tudo isso, é importante trazer as dimensões sobre o ser humano e sua relação com o mundo como gerador de desenvolvimento. É pensar que as crianças a partir de sua autoria e liberdade nos libertam dos aprisionamentos adultocentricos que insistem na fragmentação ou na romantização e simplificação das mesmas.

## REFERÊNCIAS

DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DA CRIANÇA. Proclamada pela Resolução da Assembleia Geral das Nações Unidas n.º 1386 (XIV), de 20 de Novembro de 1959.

Disponível em:

[https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/Docs\\_referencia/declaracao\\_universal\\_direitos\\_crianca.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/Docs_referencia/declaracao_universal_direitos_crianca.pdf). Acesso em: 02 mai. 2021.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Assembleia Geral das Nações Unidas em Paris. 10 dez. 1948. Disponível em:

<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 02 mai. 2021.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka**: para uma literatura menor. Tradução e prefácio Rafael Godinho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.

DELEUZE, G. **Espinosa**: filosofia prática. Tradução de Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002. 144 p.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Microdados do Censo Escolar da Educação Básica**, 2020.

Brasília: MEC. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a-informacao/dados-abertos/microdados/censo-escolar>. Acesso em: 02 maio 2021.

LOPES, Jader Janer Moreira. A “natureza” geográfica do desenvolvimento humano: diálogos com a Teoria Histórico-Cultural. In: TUNES, E. (Org.). **O fio tenso que une a Psicologia à Educação**. Brasília: UniCEUB, 2013, p. 125-136.

LOPES, J. J. M.; VASCONCELLOS, T. de. **Geografia da infância**: reflexões sobre uma área de pesquisa. Juiz de Fora: Feme, 2005.



MASSEY, D.; KEYNES, M. Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações. **Revista GEOgraphia**. v. 6, n. 12, Rio de Janeiro, 2004.

MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. Metodologias de pesquisas pós-críticas ou sobre como fazemos nossas investigações. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgas.). **Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 15-22.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Convenção sobre os Direitos da Criança, de 20 de novembro de 1989.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação é criação na infância**: ensaio psicológico: livro para professores. Apresentação e comentários Ana Luiza Smolka. Tradução Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2004.

\_\_\_\_\_. **Obras escogidas**: psicología infantil. Tomo IV. Tradução Lydia Kuper. Madrid: Visor Dist. S. A., 1996.

\_\_\_\_\_. **Sete aulas de L.S. Vigotski sobre os fundamentos da Pedologia**. Organização [e tradução] Zoia Prestes, Elizabeth Tunes; tradução Cláudia da Costa Guimarães Santana. Rio de Janeiro: E-Papers, 2018.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.